

SANTUÁRIO DE GENTE: A BIBLIOTECA PRIVADA DE JOSÉ SIMEÃO LEAL

SANCTUARY OF PEOPLE: JOSÉ SIMEÃO LEAL'S PRIVATE LIBRARY

Bernardina FREIRE

Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação
Universidade Federal da Paraíba
bernardinafreire@gmail.com

Resumo

O artigo reflete a biblioteca privada pessoal como espaço de construção memorialística e matéria de uma escrita de si, a partir da análise da biblioteca privada de José Simeão Leal, leitor ávido, cheio de ritos e gestos. Toma como arcabouço teórico metodológico os pressupostos foucaultianos da Escrita de Si enquanto fontes autobiográficas que intencionalmente revelam a trajetória do colecionador no meio editorial, artístico, político, literário e cultural. Adotou-se ainda, os princípios da pesquisa documental de Aróstegui (2006) associada à teoria indiciária de Ginzburg (2002). Os resultados apontam que coisas materiais quando lidas, inscrevem-se na materialidade dos discursos.

Palavras-chave

Escrita de si. Biblioteca Privada. Memória.

Abstract

From the analysis of a personal private library owned by José Simeão Leal, an avid reader full of rituals and gestures, this article presents personal private libraries as spaces of memoir construction and matter of the self writing. As its theoretical framework, this article takes the Foucauldian methodological assumptions of Self Writing since they are autobiographical sources that intentionally reveal the trajectory of the collector in the editorial, artistic, political, literary, and cultural environments. It also adopts the Aróstegui's principles of documentary research (2006) in combination with Ginzburg's evidentiary theory (2002). Results show that when material things are read they fall in the materiality of discourses.

Keywords

Self Writing. Private Library. Memory.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem relação com a temporalidade, a historicidade e a singularidade do objeto de estudo, sustentado em dados históricos revelados através de “vestígios, relíquias e testemunhos” (ARÓSTEGUI, 2006, p. 480), constituindo as fontes de uma história extraída de um arquivo pessoal, acumuladas, tratadas e compiladas. Neste sentido, o arquivo pessoal de José Simeão Leal foi visto em toda a sua dimensão, incluindo-se aspectos como: função dos documentos, sua forma, seus destinatários, fragmentos de textos, cartas, cartões, considerando-o como locus privilegiado de testemunho, memória e história. Ao abrir caixas, remexer baús, visitar correspondências, diários, levantei e refinei várias particularidades

da vida de José Simeão Leal, constituindo uma identidade através de sua produção cultural, nos limites do gênero memória. De certo modo, o que recolhi de José Simeão Leal abarca fonte privilegiada, tornada, ela mesma, objeto deste estudo.

Dentre as inúmeras fontes primárias que compõem o arquivo, encontram-se as cartas trocadas entre José Simeão Leal e seus correspondentes, o gabinete de leitura, objeto deste artigo, as dedicatórias manuscritas, contidas nos livros, os Cadernos de Cultura, como exemplos da produção inscrita no catálogo das publicações do Serviço de Documentação, com ênfase na produção literária, documentos manuscritos e, ainda, a produção plástica, acompanhada das críticas produzidas na imprensa escrita, e outros documentos que descrevem a arte do seu fazer.

A compreensão dessa dinâmica requer que o pesquisador eleja as fontes que ele privilegia como fundamentais para o estudo, capazes de conferir-lhe um arranjo e um sentido, ratificados pelas palavras de Lima (1986), ao dizer que a significação do documento decorre da interpretação que se empresta, pois competirá ao pesquisador recolher os indícios, estabelecer uma ordem e buscar a significação, sem desconsiderar que “essas sugestões encontram [encontrem] um lugar na memória do produtor, filtro que opera a passagem da experiência vivida para a linguagem verbal, e esta o lugar de expressão e de identificação das fontes”.

Essas fontes primárias foram obtidas de duas maneiras: através do agrupamento das fontes dispersas em um único espaço físico, e da catalogação de todo o acervo para sua organização. A busca e a exploração da documentação do arquivo consistiram em um trabalho exaustivo e na compilação adequada das informações. Na organização da informação, criei uma tipologia abrangendo fichários de conteúdo, base de dados, compilações de citações, que resultaram nos catálogos constantes no segundo volume da tese intitulada *José Simeão Leal: escritos de uma trajetória*, defendida no Doutorado em Letras da Universidade Federal da Paraíba.

Dentre os vários critérios¹ de escolha de fontes primárias, apontados por Aróstegui (2006), optei pelo “critério intencional”, considerando o seguinte critério de classificação e

¹ Aróstegui (2006, p. 492), na obra, *A pesquisa histórica: teoria e método*, especificamente em seu capítulo 8, trabalha com critérios de classificação de fontes. Para ele, o processo metodológico e a documentação histórica discorrem sobre o uso de fontes e sua interpretação, adotando o que o autor denomina de “Uma Nova Taxonomia das Fontes Históricas”, em cuja classificação podem ser aplicados vários critérios, quais sejam: critério posicional, intencional, qualitativo e o formal-quantitativo. Em face de todas essas classificações, o

depuração dos dados: fiabilidade (veracidade, autenticidade) das fontes e a adequação dessas fontes aos propósitos da pesquisa, tendo em vista que classificar arquivos pessoais é, sem dúvida, uma arte, pois consiste, primeiramente, em se remontar ou reunir documentos de forma que esse arranjo permita uma releitura da vida cotidiana, dos gostos, dos prazeres e fazeres: as relações de amizade ou de trabalho, as dificuldades e os limites da vida de seu titular e outras tantas de sociabilidades cultivadas em sua travessia.

Tal característica faz surgir a primeira das muitas dificuldades do processo classificatório, organizacional e analítico desses documentos, pois um mesmo documento poderá trazer indícios de sua atuação privada, como pessoa física, como também sua influência de homem público, de intelectual, estabelecendo elos entre o público e o privado. Logo, as funções se misturam, exigindo do pesquisador um olhar mais atento, arguto sobre o documento, enquanto fonte indispensável à construção de uma trajetória. Isso só é possível quando os documentos, que compõem a biblioteca privada de José Simeão Leal, permitem ressaltar a identidade própria de seu titular, possibilitando estabelecer a estrutura organizacional através de suas atividades e/ou funções.

Com efeito, os documentos ali preservados apresentam-se como produtos que, gerados a partir de articulações e construções lógicas, ganham formas nem sempre lineares, porém capazes, em si mesmas, de traduzir, de contar e de (re)construir sua identidade sob a forma de uma organização, possibilitando uma releitura escritural de uma intimidade posta. Desse modo, pode-se dizer que há uma estreita ligação entre as fontes documentais, no caso em análise os documentos que compunham sua biblioteca e a construção de uma “escrita de si”, no sentido foucaultiano, principalmente quando se trata de documentos acumulados ao longo de uma vida, de maneira que essa junção poderá suscitar elementos novos que oportunizem ampliar o entendimento na relação memória e ciência da informação.

A análise das fontes de informação induziu-me a buscar o conceito de análise documental, ancorado na perspectiva de Aróstegui (2006, p. 508) “conjunto de princípios e de operações técnicas que permitem estabelecer a fiabilidade e adequação de certo tipo de informações para o estudo e explicação de um determinado processo histórico”, associada ainda aos pressupostos da teoria indiciária de Ginzburg (2002).

autor diz que tudo dependerá da natureza interna das fontes, tornando-se opcional o uso de qualquer um desses critérios, pois eles se revelam como um orientador que facilita a busca das fontes adequadas ao estudo de determinadas situações históricas, levando-se sempre em conta que o ideal de uma grande pesquisa é o uso das variadas fontes e a confrontação sistemática entre elas.

2 A BIBLIOTECA DE JOSÉ SIMEÃO LEAL: JEITO INTUITIVO DE ORGANIZAR LIVROS E PERIÓDICOS

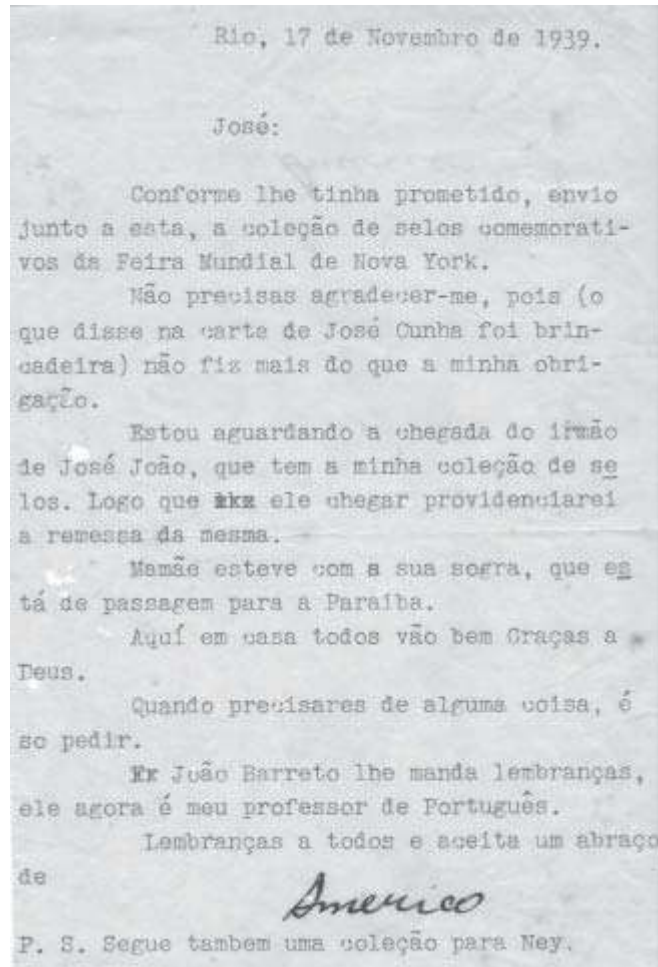
José Simeão Leal iniciou, desde cedo, sua relação com os livros e a leitura, influência herdada de sua mãe, Maroquinhas, sua grande incentivadora no mundo das letras, com forte interferência nos primeiros anos de alfabetização de seu primogênito. Ressalte-se, ainda, a convivência próxima com o escritor José Américo de Almeida, seu tio e padrinho, e com outros intelectuais na infância, na adolescência e, sobretudo, quando homem feito, no campo profissional. Essa relação de proximidade o foi influenciando a ponto de priorizar a aquisição de livros, devotando certa paixão ambiciosa, que transformou sua condição de leitor perspicaz e astuto, tornando-o um frequentador assíduo de sebos e livrarias, desde sua chegada à cidade do Rio de Janeiro, ainda em 1929.

Apesar dos poucos livros que sempre o acompanharam desde a época de estudante, foi no Rio de Janeiro, já como Diretor do Serviço de Documentação, em seu apartamento no Bairro do Humaitá, que ele realizou um sonho antigo; o de instalar sua biblioteca pessoal. Ali, dedicou um espaço exclusivo à coleção, que crescia compulsivamente, à medida que aumentava também seu fascínio pelos sebos e livrarias, principalmente a Livraria São José², de sua predileção. Visitar esses ambientes tornou-se uma prática comum, tanto no país quanto em suas viagens ao exterior nunca entrou neles sem encontrar algo de seu interesse. A tarefa tomava impulso, e sua biblioteca, corpo. Outra maneira de adquirir livros se dava em suas viagens internacionais, sempre ocupando posições estratégicas no governo, viajando com licenças diplomáticas, dando-lhe, assim, a oportunidade de comprar obras que ainda não haviam sido editadas no Brasil, principalmente pelo fato de poder trazer na bagagem um volume de obras sem depender, necessariamente, de licença.

Outro modo encontrado por Simeão, para ampliar suas coleções, foi através dos amigos, como revelam algumas correspondências passivas mantidas em seu arquivo pessoal, como a enviada por seu primo Américo, filho do seu tio e padrinho, o escritor José Américo de Almeida, em 1939, ainda no início da carreira profissional de José Simeão Leal:

² Essa livraria, fundada em 1926, era frequentada pelos grandes intelectuais que circulavam no Rio de Janeiro, como Gilberto Freyre e Jorge Amado, assíduos da casa, tendo atuado no campo editorial de diversas obras de autores nacionais, notadamente nos anos 1950.

Fac-símile 1 - Carta do primo Américo



Fonte: Acervo José Simeão Leal (AJSL)

Rio, 17 de novembro de 1939.

José:

Conforme tinha lhe prometido, envio junto a esta, a coleção de selos comemorativos da Feira Mundial de Nova York.

Não precisas agradecer-me, pois (o que disse na carta de José Cunha foi brincadeira) não fiz mais do que minha obrigação.

Estou aguardando a chegada do irmão de José João, que tem a minha coleção de selos. Logo que ele chegar providenciarei a remessa da mesma.

Mamãe esteve com sua sogra, que está de passagem para a Paraíba.

Aquí em casa todos vão bem graças a Deus.

Quando precisares de alguma coisa é só pedir.

João Barreto lhe manda lembranças, ele agora é meu professor de Português.

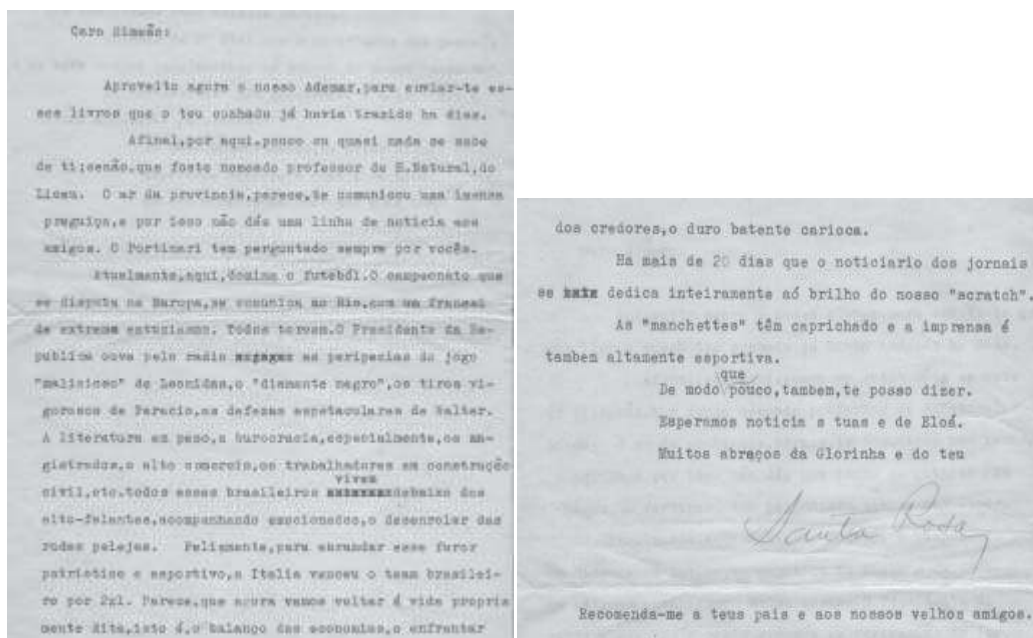
Lembranças a todos e aceita um abraço de

P.S. Segue também uma coleção para Ney.

Na carta, o primo refere-se a uma coleção de selos, o que demonstra o interesse de José Simeão Leal pelo colecionismo, interesse que se estende também em relação à sua

biblioteca. Em outra carta, sem data³, recebida de Tomaz Santa Rosa Júnior, a atitude se repete, agora envolvendo o escritor, também paraibano, Ademar Vidal, como portador de algumas obras para Simeão.

Fac-símile 2 - Carta de Tomás Santa Rosa



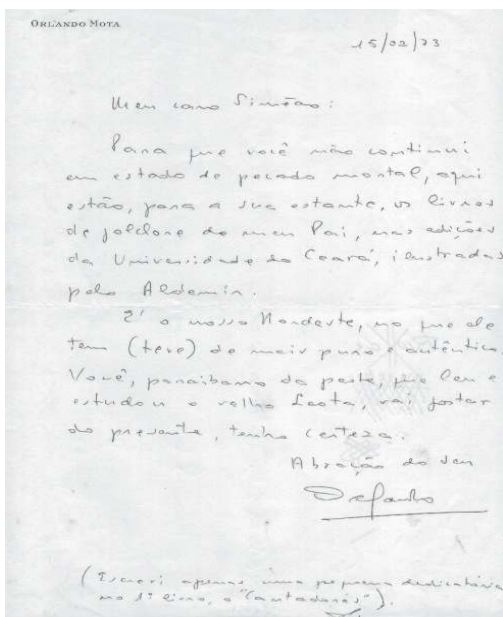
Fonte: AJSL

Essa prática continua através das doações de Orlando Mota, que lhe repassa parte dos livros herdados de seu pai⁴, sobre folclore e editados pela Universidade do Ceará, com ilustrações de Aldemir Martins, como descreve a carta datada de 15 de fevereiro de 1973, o evidenciando o interesse reconhecidamente contínuo de José Simeão Leal pelas questões referentes ao folclore e às expressões populares, e de Roger Bastide, em carta datada de 29 de agosto de 1945:

Fac-símile 3 - Carta de Orlando Mota

³ A carta data, provavelmente, de 1938, quando José Simeão Leal estava em João Pessoa/PB, como professor da cadeira de História Natural, no Colégio Liceu Paraibano.

⁴ Leonardo Mota nasceu no dia 10 de maio de 1891 e morreu em 2 de janeiro de 1948, na cidade de Fortaleza/CE, vítima de ataque cardíaco. Foi premiado pela Academia Brasileira de Letras, sendo-lhe dado o título de "Embaixador do Sertão".



Fonte: AJSL

17 de fevereiro de 1973

Meu caro Simeão:

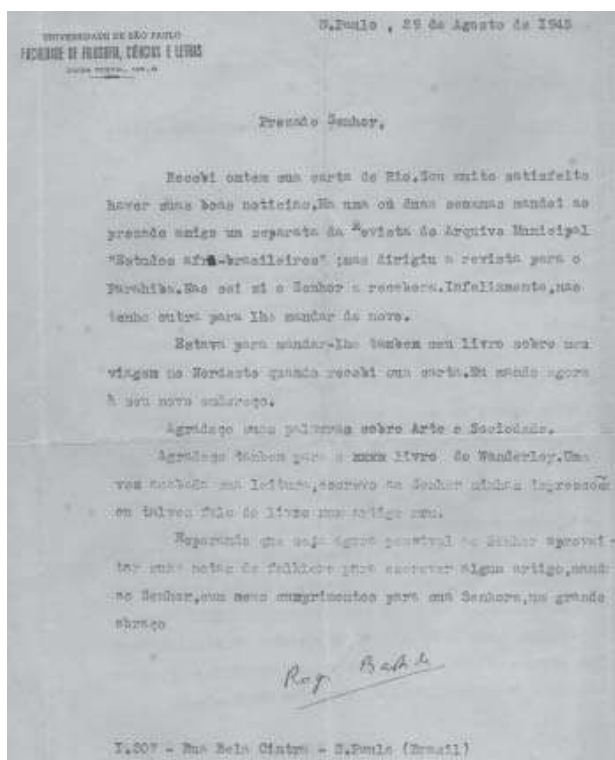
Para você não continuar em estado de pecado mortal, aqui estão, para a sua estante, os livros de folclore de meu pai, nas edições da Universidade do Ceará, ilustrado pelo Aldemir.

É o nosso Nordeste, no ele tem (teve) de mais puro e autêntico. Você, paraibano da peste, que leu e estudou o velho Lesta, vai gostar do presente, tenho certeza.

Abraços do seu Orlando [Mota]

(Escrevi apenas uma pequena dedicatória no 1º livro, "os cantadores")

Fac-símile 4 - Carta de Roger Bastide



Fonte: AJSL

São Paulo, 29 de agosto de 1945.

Prezado Senhor,

Recebi ontem sua carta do Rio. Sou muito satisfeito haver suas notícias. Há uma ou duas semanas mandei ao prezado amigo um separata da Revista do Arquivo Municipal "Estudos Afro-brasileiros"; mas dirigiu a revista para a Parahiba. Não sei si o senhor a receberá. Infelizmente, não tenho outra para lhe mandar de novo.

Estava para mandar-lhe também meu livro sobre minha viagem no Nordeste quando recebi sua carta. Eu mando agora à seu novo endereço.

Agradeço suas palavras sobre arte e sociedade.

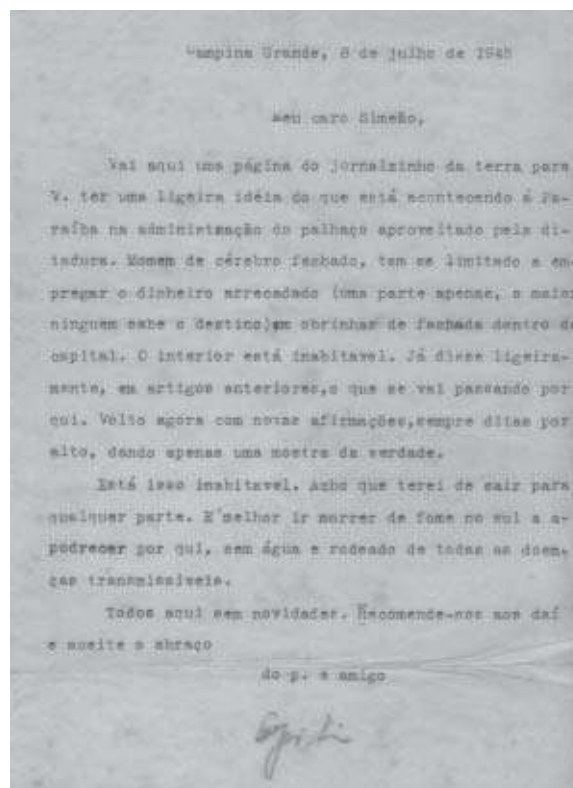
Agradeço também para o livro de Wanderley. Uma vez acabada sua leitura, escrevo ao senhor minhas impressões ou talvez falo do livro num artigo meu.

Esperando que seja agora possível al senhor aproveitar suas notas de folclore para escrever algum artigo, mando ao senhor, com meus cumprimentos para sua senhora, um grande abraço

Roger Bastide

Sua biblioteca e seu interesse também escapavam do livro em seu formato tradicional, buscando conhecimento através de jornais, como sinaliza a carta recebida do médico paraibano Elpídio de Almeida, em 1945:

Fac-símile 5 - Carta de Elpídio de Almeida



Fonte: AJSJL

Campina Grande, 8 de julho de 1945

Meu caro Simeão,

Vai aqui uma página do jornalzinho da terra para V. ter uma ligeira ideia do que está acontecendo à Paraíba na administração do palhaço aproveitado pela ditadura. Homem de cérebro fechado, tem se limitado a entregar o dinheiro arrecadado (uma parte apenas, a maior ninguém sabe o destino) em obrinhas de fachada dentro da capital. O interior está inabitável. Já disse ligeiramente, em artigos anteriores o que se vai passando por aqui. Volto agora com novas afirmações, sempre ditas por alto, dando apenas uma mostra da verdade.

Está isso inabitável. Acho que terei de sair para qualquer parte. É melhor ir morrer de fome no sul a apodrecer por aqui, sem água e rodeado de todas as doenças transmissíveis.

Tudo aqui sem novidades. Recomende-nos aos daí e aceite o abraço do p. e amigo

Elpídio.

Leitor ávido do Jornal do Brasil, José Simeão Leal também complementava suas pesquisas na leitura de revistas, como se pode constatar no registro imagético. Todavia, algo difere da leitura de livros, pois sendo o periódico uma obra composta por capítulos distintos, sem necessidade de uma leitura contínua, ele se utilizava de ritos, a exemplo da poltrona amarela para leituras longas e uma cadeira de balanço em palhinha, sem muito conforto, para leituras mais rápidas, a exemplo da leitura dos jornais.

Iêda Linhares, sobrinha neta de José Simeão Leal, em entrevista realizada em fevereiro de 2008, relembra que, na biblioteca de seu tio Simeão, era proibido qualquer intervenção sem que ele estivesse por perto, até mesmo a limpeza diária. Organizava e dava-lhe uma ordem, uma classificação própria. Para ele, a biblioteca era uma espécie de “santuário pessoal”, lugar de gente, representado pelas múltiplas vozes dos autores e seus personagens. Lugar intocado por qualquer um que pudesse por em risco sua ordem, seu estilo particular de organizar. Essa restrição era feita para todos os que o visitavam, fossem próximos ou não. Essa regra não deveria ser quebrada, sob pena de uma repreensão pública, no afã impetuoso de seu temperamento. Ele sabia e conhecia todos os exemplares, tirava-os e os repunha no mesmo lugar, incansavelmente, embora não tivesse um catálogo ou outro instrumento que o ajudasse a inventariar seu tesouro. Apesar da boa qualidade, seus livros não se assemelhavam a coleções de bibliófilos, nem se enquadravam em nenhum critério de raridade bibliológica ou bibliográfica. Critérios que se referem aos aspectos físicos da obra, envolvendo encadernação, ilustração etc, os aspectos bibliográficos dizem respeito ao conteúdo em si, como por exemplo, a primeira edição com alterações manuscritas feitas pelo próprio autor ou, ainda, uma obra cujo conteúdo não se encontra mais em circulação. Esses critérios são determinados pela área da Bibliologia e da Bibliografia, integrantes da ciência biblioteconômica.

A biblioteca se caracterizava, também, como gabinete de trabalho, onde José Simeão Leal passava horas recolhido e solitário. Em face dessa relação, acomodou, no mesmo espaço, um sofá-cama, onde costumava se deitar e ler, dormindo, muitas vezes, entre seus amigos prediletos, os livros. Em casa, a biblioteca era seu lugar preferido, seu espaço privado e privativo. Seu refúgio, lugar de pesquisa, de trabalho, de comunicação com o outro e de

conhecimento, silêncio e contemplação, pois próximo à sua mesa de trabalho, ficava o busto de sua esposa Eloah Drummond, esculpido em bronze por Bruno Giorgi.

Esse ambiente foi determinante na vida de José Simeão, daí o destaque para essa biblioteca. Como afirma Darnton (1995), é importante precisar o lugar onde o leitor lê, pois esse mesmo espaço pode projetar indícios de suas formas e práticas de vida. A biblioteca de José Simeão Leal revela seu gosto pela arte e pela literatura, assim como sua apreciação pelo Design. Cheio de rito, sentava-se em uma poltrona de tecido, na cor amarela já mencionada neste texto, um pouco reclinada, desenhada especialmente para ele. Como complemento do momento recluso e solitário da leitura, olhava atentamente seus volumes e tinha ao lado da poltrona, um candelabro alto, de haste inclinada, com um cone, dentro do qual havia uma lâmpada, cujo foco de luz era dirigido apenas para o livro que lia. Em sua astúcia de leitor, mandou fazer a instalação do candelabro no chão, para facilitar a ligação sem se desvencilhar da obra, pois, num simples movimento com o pé, ele ligava e desligava a lâmpada. Ao lado, mantinha uma mesa redonda para abrigar as obras ainda por terminar de ler ou ainda livros novos, recortes e outros textos. Todos os que se encontravam fora da estante estavam em uso ou à espera para serem lidos.

José Simeão Leal priorizou a formação de sua biblioteca, que crescia velozmente. Apesar de dotar sua biblioteca de sacralidade, ele fazia questão de ali receber os amigos, aqueles que ele elegia como “seus”, principalmente, os moços que, na sua visão, poderiam mudar a forma de pensar a cultura, pensar o Brasil, pois “ele acreditava nos moços, principalmente nos moços”, como registrou Rachel de Queiroz, em crônica intitulada José Simeão Leal, publicada no jornal Estado de São Paulo, em 02 de julho 1996. Sua biblioteca imprime um gosto pessoal por um tipo específico de literatura, seus autores, um olhar múltiplo sobre a cultura brasileira, em especial, a cultura popular, com a presença de obras de Kantor, Théo Brandão e Câmara Cascudo, além de sua predileção pelo campo literário e artístico. Nessa variedade de interesses, há uma considerável quantidade de obras escritas em outros idiomas, predominantemente em língua francesa, idioma que dominava com fluência, seguido do espanhol, inglês, italiano, alemão e latim.

Segundo depoimentos de Iêda Linhares e do artista plástico Francisco Pereira Júnior, José Simeão Leal tinha um senso crítico em relação à produção bibliográfica, “nada estava ali ao acaso”, afirma sua sobrinha neta. Tais declarações revelam que ele selecionava cuidadosamente cada livro, havia um interesse preestabelecido, o que nos permite

evidenciar traços de sua predileção temática por autores, obras, enfim, um testemunho explícito de sua prática leitora. É evidente que o fato de ter uma biblioteca privada não o particulariza, muito pelo contrário, coloca-o em sintonia com os intelectuais da época, pois, de acordo com Abreu (1996, p. 137), “de maneira geral, na virada do século [referindo-se ao Século XX], as letras representavam importantes bens simbólicos”.

Essa compreensão ainda parece permanecer, pois é comum atrelar a intelectualidade de alguém à sua biblioteca. Delgado (1999, p. 85), em sua obra, *Cartografia Sentimental de sebos e livros*, indaga sobre as razões que levam um indivíduo a constituir sua própria biblioteca. A esse respeito, ela afirma:

As razões pelas quais algumas pessoas constituem, ao longo de suas vidas, uma biblioteca particular são de ordem arbitrária e variada, indo desde o amor pelos livros de determinado gênero ou assunto até o interesse mercadológico pelo livro como fonte de investimento.

No caso da biblioteca privada de José Simeão Leal, ao que parece, seu acúmulo se deu por “juntar o saber crítico elaborado através do tempo e o comentário das grandes obras; o interesse pela produção contemporânea, a recusa dos interditos, das exclusões” (REVEL, 2000, p. 222). Por outro lado, essa concepção traduz uma visão otimista e criteriosa sobre José Simeão Leal, fundada numa representação do saber editado e acumulado também em seu próprio espaço histórico, não se deixando obnubilar nem por princípios de raridade, muito menos por determinações abusivas do mercado editorial da época. Simeão estabeleceu seu próprio processo seletivo, demarcando uma predileção pessoal pela escrita de seu próprio *ethos*.

A vida profissional de editor, divulgador da cultura nacional e leitor ávido foi, sem dúvida alguma, um indicativo determinante na escolha e na preservação das obras contidas em sua biblioteca que, entre idas e vindas, totalizam no inventário, feito por ocasião deste estudo, 2.704 volumes, 228 (duzentos e vinte e oito) Catálogos e 27 (vinte e sete) títulos de periódicos, distribuídos por área de conhecimento, conforme quadro 1:

Quadro 1: Classificação dos livros por área de conhecimento, biblioteca de José Simeão Leal

CLASSE	ASSUNTO	QUANTIDADE	%
0	Generalidades, Ciências e conhecimento, Organização, Informação etc.	42	1,55
1	Filosofia, Psicologia, Psicanálise,	92	3,40
2	Religião, Teologia,	44	1,63
3	Ciências Sociais(Sociologia, Antropologia, Folclore), Direito, Administração, Turismo etc.	525	19,42
5	Matemática e Ciências Naturais(Biologia, Zoologia, Botânica),		
6	Ciência aplicadas, Medicina, Nutrição Tecnologia,	36	1,33
7	Arte(Pintura, Arquitetura, Artesanato, Tapeçaria, Crítica, Teoria), Recreação, Diversões, Esportes,	27	1,00
8	Linguagem, Lingüística, Literatura,	682	25,22
	Geografia, Biografia, História, Diário de Viagem, Memória, Discursos, Palestras,	852	31,51
9	Arquivo, Arqueologia,	404	14,94
TOTAL		2.704	100,00

Fonte: Dados da pesquisa

Numa análise mais minuciosa do acervo, observei a predominância de títulos voltados para o campo literário. Em relação à literatura brasileira, incluem-se romances, contos, poesias, crônicas e outras obras voltadas para a crítica literária. Entre os escritores literários brasileiros, destacam-se nomes como: Alfonsus de Guimarães, Álvaro Lins, Augusto Meyer, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Zé da Luz, Alceu Amoroso Lima, Cyro dos Anjos, Fernando Sabino, Geir Campos, Gilberto Amado, Herman Lima, João Guimarães Rosa, Jorge de Lima, José Lins do Rêgo, Manuel Bandeira, Josué Montello, Thiago de Mello, Ledo Ivo, Murilo Mendes, Sergio Milliet, Thiers Martins Moreira e Vinícius de Moraes.

No campo da escrita histórico-sociológica, encontramos Antônio Carneiro Leão, Aderbal Jurema, Bernardino José de Souza, Darcy Ribeiro, Edson Nery da Fonseca, Gilberto Freyre, Gondim Fonseca, Hélio Jaguaribe, Hélio Viana, Jacques Raymundo, Josué de Castro, Luiz Santa Cruz, Manuel Diegues Júnior, Serafim Leite, Yvonildo Souza, além dos críticos, como: Brito Broca, Otto Maria Carpeaux, entre outros.

No campo das expressões populares, registram-se: Alceu Maynard Araújo, Altamar de A. Pimentel, Arthur Ramos, Donald Pierson, Edson Carneiro, F. Coutinho Filho, Nunes Pereira, Oneyda Alvarenga, Osvaldo Orico, Théo Brandão e muitos outros.

Considerando, ainda, o Quadro 1, destaca-se, em sua coleção, uma predominância de títulos no campo das artes e da literatura.

Em relação à personalidade leitora, assegura Francisco Pereira Júnior, em entrevista, que José Simeão Leal sempre estava com um livro à mão, tinha leitura humanística vasta e sua biblioteca era pautada no humanismo, na história, na geo-história e em romances.

A Biblioteca era composta pelos grandes clássicos da literatura europeia e brasileira. Ele apresentava uma vocação para apreciar a literatura estrangeira, sobretudo, romances policiais, como os de Agatha Christie. Todavia, parte deles foi doada pela viúva Eloah Drummond, ao reter mais de 500 (quinhentos) títulos, antes de encaminhar a biblioteca ao Estado da Paraíba, em atendimento ao pedido do marido, antes de sua morte, em 1996. Pereira Júnior, em entrevista à pesquisadora, em dezembro de 2006, ressaltou:

[...] ele tinha um grande interesse por literatura policial, tinha livros de Agatha Christie, Sherlock Holmes, e outros como Edgar Allan Poe, eram seus prediletos, como passa tempo. [...] Quando ele morreu Eloah achou que esse tipo de livro não tinha importância para o acervo, e deu para o zelador do Prédio em que residiam em Copacabana. Foram aproximadamente 200 ou mais exemplares, não se sabe ao certo. A certeza é que foram retirados do acervo.

O apego aos livros refletia-se, com menor intensidade, em sua prática de colecionar periódicos, todos com predomínio no campo das artes e da literatura, envolvendo uma produção tanto em nível nacional quanto internacional, a saber:

- Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, iniciada em 1937. Esse periódico, na época, era editado em língua portuguesa, através do Ministério da Educação e Saúde, uma espécie de antologia, com encadernação em brochura, ilustração em preto e branco, privilegiando desenhos e fotografias. Inclui notas de rodapé e sessão de notícias e compreende as áreas de Arte, Crítica da Arte, História da Arte, História brasileira, Estudos literários, Religião e Cultura brasileira;
- Revista de Cultura Vozes, periódico vinculado à Editora Vozes, aborda as áreas de Ciências
- Sociais subdivididas em: política, sociologia, poder, violência, ideologia, história política etc;
- Revista do Brasil; Revista Imposto Fiscal; Legislação Nordestina;
- Arquivos Brasileiros de Nutrição, editada no período de 1944 a 1968;
- Revista Mexicana de Sociologia, fundada em 1939, é o mais antigo periódico de Ciências Sociais do México e da América Latina. Foi publicada por intermédio do Instituto Investigações Social da Universidade Autônoma do México, notável contribuição sociológica e de observações hispânicas.
- *Connaissance des Arts*, editada pela *Société Française de Promotion Artistique broché Bristol illustré* de Paris. Esse periódico está voltado para o campo das artes, da

arte antiga à moderna, em suas mais variadas expressões: pintura, arquitetura, design industrial, exposições etc;

- *Réalités Nouvelles*, de origem francesa, a revista discorre sobre o abstracionismo na arte; foi criada em Paris, em 1939, por Sonia Delaunaye e outros. Sua publicação foi interrompida em 1941 e, sua circulação, restabelecido apenas em 1946;
- *Revue Esthétique*, de origem francesa, discute questões referentes à estética na arte;
- *Paris Theatre, Art d'Aujourd'hui*, periódico mensal criado em 1951, na França, voltado exclusivamente para a arte contemporânea;
- *Sele Arte*, periódico italiano, editado pelo *Studio Italiano di Storia dell'Arte*, período 1952-1966; publicação voltada para a arte moderna, especificamente, escultura, pintura, Arte Decorativa, gráfica e industrial;
- *Lemaravigle Dell'Arte*; Revista Hispânica Moderna (RHM), editada, desde 1934;
- *Boletín del Instituto de las Españas*, na *Columbia University*, a Revista foi consagrada como publicação de investigação acadêmica na língua espanhola. De natureza semestral, a RHM empenha-se em divulgar questões hispânicas e luso-brasileiras nos estudos literários e culturais. Estruturalmente possui as sessões de ensaios e resenhas bibliográficas em Espanhol, Inglês, Português ou em toda a gama de hispânicos e luso-brasileiros da produção cultural na Europa, na América Latina, nos Estados Unidos e em todos os períodos históricos, desde a Idade Média até o presente;
- *Revue Esthétique* cobre conteúdos voltados para as áreas de cinema e arte;
- Revista Médica Panamericana;
- *Southern Review*, publicação norte-americana voltada para a área literária em ficção, poesia, crítica, com ênfase na literatura contemporânea;
- Revista de Occidente, criada em 1923, por José Ortega y Gasset e dirigida por José Ortega;
- *Spottorno*, voltada para os temas: Literatura, Antropologia, Arte, Arquitetura, Filosofia e, em especial, ensaios sobre a América espanhola, no campo da literatura e da língua, Antropologia, Filosofia, Economia, Arte, Artesanato e Arquitetura;
- Lisboa-por, editada pelo Ministério do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território com a Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo, arrola temas como: Cultura e Atividades, Cultura regional, Música, Cinema, Dança, Teatro, Artes plásticas, Artes visuais, Literatura, Encontros culturais, Festivais, Festas municipais e o Carnaval;
- *Humboldt*, periódico científico norte-americano da *State University Library*;
- *ArtNews*, fundada em 1902, é um grande relatório sobre arte, personalidades, tendências e eventos que moldam o mundo internacional da arte e, nos últimos anos, tem ampliado o seu conteúdo para incluir perfis de notáveis colecionadores,

museus e diretores acadêmicos; itinerários de viagem repletas de arte, valores, observando-se o mercado da arte e o mundo do design;

- *Kunst Ins Volk*, revista alemã sobre arte moderna;
- *Ariel Du*, revista alemã;
- *Planet*, periódico semestral; Casa Vogue, revista voltada para área de arquitetura, desenho, arte, decoração e design de interiores;
- *Art Magazine*, editada em Milão, através da editora Giancarlo Politi, desde 1985;
- *Astile* Indústria, periódico da área de desenho industrial;
- *L'Deil*, e os semanários;
- O Correio e o Jornal Antarial.

Essa variedade de títulos pode refletir integralmente o leitor que era José Simeão Leal. Assim, “não é absurdo supor que, de modo semelhante, a identidade de uma sociedade ou de uma nação possa ser espelhada por uma biblioteca, por uma reunião de títulos que, em termos práticos ou simbólicos, faça às vezes de definição coletiva”, como ratifica Manguel (2006, p. 241), uma vez que o acervo interage de maneira incessante com as principais atividades de seu colecionador, tanto no que diz respeito ao seu plano individual quanto no social, sobretudo, quando se considera a trajetória vivida por José Simeão Leal, que desempenhou papéis públicos, os quais, atrelados ao seu arcabouço de leituras, abriram-lhes as portas como editor e produtor cultural.

O acervo inventariado indica como José Simeão Leal se configura numa zona de interseção entre o eu, individual, social e intelectual. A significação geral de sua personalidade leitora deriva do caminho que percorreu, optando por uma vida voltada para o campo cultural, numa encruzilhada permanente entre o poder intelectual e o poder político. Esse modo de se inscrever, através de sua biblioteca privada, contribuiu para demarcar sua própria identidade. No entanto, uma biblioteca dessa natureza e amplitude não apresentava apenas problemas de armazenagem; era preciso torná-la utilizável, garantindo sua existência e serventia. Já adoentado, José Simeão Leal, apesar do amor de uma vida inteira dedicada à sua biblioteca, optou deixá-la como legado aos seus herdeiros intelectuais, doando-a ao estado da Paraíba. Essa doação exigiu a transferência total do acervo, inviabilizando a preservação de sua forma original, hoje recuperada apenas em fotografias. O desejo foi cumprido, e a biblioteca doada ao estado, separada dos demais

documentos e encaminhada para compor o acervo da Biblioteca Pública da Paraíba, hoje reintegrada, voltando a compor o acervo pessoal José Simeão Leal.

De modo que, examinar essa biblioteca, mesmo afastada de seu espaço original, pode permitir recuperar ou construir uma história ou ainda uma teoria da reação do leitor, mesmo que se leve em consideração os limites de um conjunto incompleto de indicações ou vestígios que marcam os leitores implícitos e efetivos do passado. Neste sentido, o estudo das bibliotecas particulares “tem de ligar o quê com o quem da leitura”, conforme Darnton (1995, p.152). Assim, para compreender José Simeão Leal e sua relação com os livros é também necessário conhecer esses mesmos livros e marcas, aqui tomadas como as dedicatórias manuscritas, inscritas em parte desse acervo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a Biblioteca pessoal de José Simeão Leal possibilitou que eu extraísse, da diversidade de objetos colecionados (livros, periódicos, esculturas, mobiliário) o que Foucault (1992) chama de escrita de si, ou seja, fontes autobiográficas por ele acumuladas, e que, como tais, intencionalmente revelam sua trajetória no meio editorial, artístico, político, literário e cultural.

Com seus percursos marcados por seus muitos deslocamentos (BOURDIEU, 2005), um homem ocupa vários espaços e atividades, capazes de favorecerem a construção da sua própria trajetória, a de homem múltiplo: médico de formação, professor de ensino médio, funcionário com cargo de chefia no DASP e, em seguida, estagiário do mesmo órgão, um homem não se deixou abater pelas adversidades, pelas trocas constantes de função, que solidificaram a sua formação profissional, seus fazeres e viveres diversificados. Entretanto, o grande mérito do trabalho desenvolvido por Simeão Leal foi sua atuação como produtor cultural, enquanto esteve no Serviço de Documentação, entre 1947 e 1965, o que me ajudou a refletir sobre alguns elementos da ambiência intelectual da época. Assim, pude adentrar em aspectos da produção e da divulgação de conhecimentos no contexto brasileiro, a partir do registro de materiais que compõem sua biblioteca, fontes documentais que revelam os relacionamentos em torno de uma personalidade-chave para divulgação e disseminação da produção literária e artística.

Entendo que a sua trajetória não se relaciona somente às questões que inaugurou como editor público no Brasil, mas juntou política e cultura e forneceu “chão social”, como

diria Mário de Andrade, às ideias literárias durante alguns anos. Simeão é, portanto, o elo da geração de intelectuais de 1940 a 1965. Em certa medida, ele inaugura a série dos grandes escritores no Brasil, como Clarisse Lispector, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Thiago de Mello Neto, Murilo Mendes, Virgínius da Gama e Melo, Aderbal Jurema, Juarez Batista, dentre tantos outros.

Simeão Leal percebeu o que havia de qualidade na produção literária brasileira, e colocou a sua responsabilidade intelectual na divulgação dessa produção. Não foram poucas, sabe-se agora, as atividades desenvolvidas por ele, movido por um ideal relacionado ao empenho em publicar textos de escritores renomados, mas, prioritariamente, difundir, disseminar a produção de autores menos conhecidos, com talento reconhecido, para que desabrochassem no campo das letras e das artes, antes porém revestia-se de saberes e culturas, caminho que possibilitou separar o joio do trigo no campo da produção literária. Foi sua leitura silenciosa e algumas vezes contemplativa que possibilitou exercer trabalho de investigador de letras e talentos. Por fim, adentrar no silencioso espaço de sua biblioteca reitera o pensamento de Marques e Hilbert (2009, p. 43) ao afirmar:

As coisas materiais, lidas de forma silenciosa, inscrevem-se na materialidade dos discursos – os contornos das formas, as cores, as texturas e as substancialidades materiais se perpassam em direção à ampliação dos sentidos – na sonoridade e na escritura das palavras.

REFERÊNCIAS

- ABREU, R. **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégia de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ARÓSTEGUI, J. **A pesquisa histórica**: teoria e método. São Paulo: Edusc, 2006.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: _____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2005.
- BURKE, P. **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- CHARTIER, R. **História cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002a.
- DARNTON, R. **O beijo de lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- DELGADO, M. C. **Cartografia sentimental de sebos e livros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- FOUCAULT, M. Escrita de si. In: _____. **O que é um autor**. 2. ed. [S.]: Passagens,1992.
- GINZBURG, C. **Relações de força**: história, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HUNT, L. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LIMA, L. C. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

MANGUEL, A. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARQUES, M.; HILBERT, k. Coisas colecionadas: um jeito (conceitual e intuitivo) de lidar com a cultura matéria. **MÉTIS: história & cultura**, v. 8, n. 16, p. 43-72, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/949>>. Acesso em: 16 jul. 2011.

REVEL, J. Entre dois mundos: a biblioteca de Gabriel Naudé. In: BURKE, Peter (Org.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.